

# Crônica

1. Congresso Internacional sobre a Interculturalidade.  
Andorra, 14-16 de maio de 2009

Em maio passado foi realizado no Principado de Andorra o Congresso sobre a Interculturalidade organizado pelo **Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio"**, com o apoio do Governo de Andorra durante o qual houve quinze conferências sobre a figura de Llull.

Renomados especialistas de todo o mundo fizeram suas comunicações sobre Llull e a interculturalidade a partir de três perspectivas concretas: a filosofia, a cultura e a sociedade e, por último, o diálogo e a religião. A sessão de abertura, na qual intervieram o Cônsul d'Escaldes-Engordany, Antoni Martí Petit, o Ministro da Cultura de Andorra, Juli Minoves e Esteve Jaulent, Presidente do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência, foi presidida pelo Monsenhor Joan Enric Vives i Sicília, Co-Príncipe de Andorra, que destacou em seu discurso a atualidade do pensamento de Ramon Llull.

Na exposição (aula) inaugural Jordi Gayà (Palma de Mallorca) tratou do tema do Congresso com a recuperação de um Llull que busca o diálogo entre religiões em um momento de confrontação e falta de compreensão comparável ao que hoje vemos através dos meios de comunicação. Depois desta intervenção, Esteve Jaulent (S. Paulo, Brasil), José Higuera (Sant Sebastián, Espanha), Alexander Fidora (Barcelona, Espanha), Guilherme Wyllie (Cuiabá, Brasil) e John Crossley (Melbourne, Austrália) articularam o tema da primeira mesa redonda temática que teve como ponto de partida o discurso epistemológico.

Nesta primeira mesa, Esteve Jaulent apresentou a relação intrínseca da questão epistemológica com a concepção do homem enquanto unidade, de acordo com Llull. Como resposta, José Higuera introduziu a figura de Leibniz que, em consonância com Llull, acreditava em uma teologia de natureza (ordem) não revelada que todas as sociedades compartilham, uma teoria de verdades eternas que permitia o diálogo entre sociedades muito diversas.

De sua parte, Alexander Fidora relacionou o pensamento luliano com o do norte-americano Charles Sanders Peirce que apresenta concordâncias, senão influências directas com Llull, quanto à problemática da teoria da definição e sua concepção dinâmica e também quanto a considerar a dúvida como princípio do conhecimento que permite o acesso ao outro dentro do diálogo interreligioso. Guilherme Wyllie relacionou a lógica de Llull com a de Frege, considerado o pai da moderna lógica matemática: por causa de sua intenção missionária Llull analisa os argumentos falsos e oferece uma teoria da argumentação. Seguindo esta linha que Llull nos apresenta de um ponto de vista mais lógico, a comunicação de John Crossley deu destaque à pesquisa efectuada por Llull de uma linguagem universal, totalmente lógica, que permite a comunicação entre judeus, cristãos e muçulmanos: Llull concebeu uma máquina com partes móveis, combináveis e computáveis, uma linguagem

abstracta comum e, neste sentido, pode ser considerado o precursor da ciência da computação.

Depois das apresentações foi aberto um espaço de debate no qual, entre outros temas, Josep-Ignasi Saranyana levantou a questão se o sistema lógico desenvolvido por Llull tinha de fato propósitos missionários ou, mais provável, correspondia a um desejo intelectual de Llull, já que as duas dimensões - a de um Llull convencido da verdade de sua fé e a de Llull enquanto filósofo autodidata - que ele mesmo fez convergir, não nasceram de uma única intenção apologética. Também se discutiu se Llull é realmente válido como um modelo de interculturalidade.

Durante o segundo dia do Congresso tiveram lugar a segunda e terceira mesas-redondas temáticas. A segunda, que reunia os expositores em torno do tema cultura e sociedade, foi encabeçada pelo lulista Fernando Domínguez Reboiras (Madrid, Espanha) e a primeira réplica ficou por conta de Joan Maria Pujals (Barcelona, Espanha), Maël Mathieu (Bruxelas, Bélgica), Mahmud Erol Kiliç (Teerã, Irã). Em primeiro lugar, Fernando Domínguez Reboiras salientou a especificidade da religião cristã diante das outras religiões do Livro: o cristianismo não fundamenta sua autoridade na literalidade do Evangelho porém na força da verdade do seu conteúdo, da sua mensagem, que é transmissível e traduzível já que sua autoridade se apóia em sua verdade. A perspectiva cristã da qual parte Llull permite-lhe entender que é possível conceber uma ciência de caráter universal para as verdades eternas, um discurso ao alcance de todos e diferente do institucional, no qual não existe dissonância entre religião e ciência.

A segunda réplica correu a cargo de Joan Maria Pujals que levantou o tema da liberdade de consciência a partir de Llull, o qual, distanciando-se da exigência forçosa da conversão ao cristianismo, fez um apelo à consciência mostrando a verdade racional da mensagem cristã..

Maël Mathieu respondeu criticando a sociedade moderna e propondo a possibilidade de recuperar modelos tradicionais de aproximação da realidade, como por exemplo a perspectiva do renascimento sufi do século XIII que, a nível metodológico ofereceria uma solução de síntese distante do sectarismo, especialização e separação que caracteriza a modernidade.

Este movimento sufi, como assinalou o último conferencista da mesa, Mahmud Erol Kiliç, mostra aspectos que coincidem com o pensamento de Llull. Toma como exemplo a idéia de uma multiplicidade que não contradiz a unidade, aludindo às criaturas e a Deus mesmo, mas também às diferentes religiões diante de uma religião universal. Neste sentido o sufismo crê que a religião é um instrumento para chegar ao conhecimento da unidade e é distinto de determinados fundamentalismos muçulmanos que não são integradores e que permanecem em um nível religioso superficial.

A partir destas questões Alexander Fidora abriu o debate dirigindo-se a Fernando Domínguez Reboiras e expôs a questão de se a tradução, tema que tanto preocupou Llull, realmente permite a interculturalidade, que parece

remeter a uma linguagem abstrata que ignora as singularidades de cada cultura. Discutiu-se também em torno da idéia da traduzibilidade da fé nas diversas religiões do Livro.

A terceira mesa-redonda temática girou em torno do diálogo e a religião e foi apresentada por Josep-Ignasi Saranyana (Pamplona, Espanha), e teve como apresentadores Víctor Pallejà (Alicante, Espanha), Paul Fenton (Paris, França), Anna Akasoy (Oxford, Inglaterra) e Harvey Hames (Bersheva, Israel). Josep-Ignasi Saranyana levantou a questão se é possível falar de dois pensadores diferentes ao longo da obra de Llull ou se já desde o princípio (no 'O Livro do Gentio') se anunciam as idéias que mais tarde serão desenvolvidas em um discurso mais sutil e filosófico como, entre outras, o esboço das razões necessárias, a distinção entre a ordem natural e a sobrenatural ou a nostalgia do paraíso perdido.

A resposta veio de Víctor Pallejà de Bustinza que ressaltou o caráter dialogante do pensamento de Llull e sua importância - não de todo reconhecida - para a história do pensamento. Paul Fenton, de sua parte, relativizou a natureza dialogante e reconciliadora da obra de Ramon Llull que mais tentou convencer os muçulmanos para que se convertessem à fé cristã, uma verdade à qual não se chega dialeticamente, senão que se impunha previamente antes de demonstrá-la.

Seguindo esta linha, a conferencista Anna Akasoy tratou precisamente dos limites do diálogo entre religiões e considerou que o modelo de Llull é limitado e poderia até ser até prejudicial para a realidade atual, que apresenta uma confrontação de identidades muito mais complexa que deve ser resolvida mais no espaço político do que no âmbito religioso. Com relação à complexidade das identidades, Harvey Hames também considerou que o cenário atual tende a oferecer redes complexas de identidades até mesmo dentro da realidade de uma mesma religião, o que hoje apresenta múltiplas interpretações. Com respeito a Llull, Harvey Hames comentou que a sua tendência missionário o levou a separar-se cada vez mais do universal e a tender para o cristianismo, tendência que não lhe proporcionou grandes resultados, precisamente por haver deixado ao lado o universal.

O Congresso concluiu no dia seguinte com um espaço aberto ao debate entre congressistas e assistentes ao ato. Deste modo continuou-se a discutir sobre aspectos que tinham surgido nas conferências anteriores e também apontaram-se algumas conclusões que se atingiram no Congresso, como a idéia de que embora Llull ainda possa ser considerado um dos primeiros autores que procuraram encontrar uma saída pacífica e dialogante ao confronto das religiões - e neste sentido seria uma figura positiva - também é necessário contextualizá-lo e relacionar seus escritos com a realidade social de seu momento, uma realidade que não partia do fato da igualdade entre as diferentes religiões. Até mesmo pode dizer-se que isso não tira importância à obra luliana e pode se considerar que as suas colocações são dignas de estudo no campo da filosofia pela pesquisa que realizou de um discurso universal aceitável por todos que culminou na formulação da Ars mas que já era perceptível nas suas primeiras obras. Isso tudo, tendo sempre a precaução

de não instrumentalizar a personagem ou de extrapolar as suas idéias por meio de conceitos e categorias atuais.

O Congresso finalizou com a apresentação do livro *Raimundus Lullus. An introduction*, editado por Alexander Fidora e Josep E. Rubio na editora Brepols, no qual se tratam pela primeira vez, em língua inglesa, de um modo sistemático e coerente os aspectos mais importantes relativos ao pensador maiorquino. Para terminar, realizou-se a leitura de um texto de Ramon Sugranyes de Franch (Friburg, Suíça), insigne lulista andorrano.

Célia Lopez Alcalde  
ERC – Project «Latin into Hebrew», MRA  
Universitat Autònoma de Barcelona  
Celia.lopez@uab.es